



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

JAILSON ALVES DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E O ENSINO DA CARTOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I**

Jacobina - Bahia
2011

JAILSON ALVES DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E O ENSINO DA CARTOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito final
para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Geografia
pela Universidade do Estado da
Bahia – UNEB, Departamento de
Ciências Humanas Campus IV.

Orientadora: Prof^ª. Joseane Gomes
de Araujo

JAILSON ALVES DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E O ENSINO DA CARTOGRAFIA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH - Campus IV.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora: Joseane Gomes de Araújo
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV

Professor MS Edvaldo Hilário dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV

Professora Ma Jorima Valoz dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus IV

Aprovado em 23 de março de 2011.

À minha mãe, que sempre acreditou que eu posso fazer tudo que os outros fazem, só que melhor, que me ensinou buscar aquilo que desejo de maneira decente, sem querer ser melhor que ninguém! Uma pessoa simples que na pequenez se faz grande com seu exemplo de garra e fé que as coisas sempre podem melhorar, basta confiar que Deus é a minha força e nada é tão grande quanto a sua presença em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar comigo em todos os instantes.

À professora Joseane Gomes de Araujo, por disponibilizar o seu tempo e me orientar na elaboração e conclusão deste trabalho.

Aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental I da rede Estadual da cidade de Jacobina Bahia.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus IV, que me acolheu possibilitando assim mais uma vitória em minha vida.

A todos os professores do curso de licenciatura em Geografia, que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Também aos meus colegas de sala, em especial àqueles que se tornaram especiais ao longo desta jornada.

Aos meus amigos especiais, pelas palavras de incentivo e presença constante, eles que se fizeram presentes em todas as situações colaborando sempre de forma positiva para a realização desse sonho, tais como Evandro, Silvana, Jane, Maurina, Edileide, Valdilene, Diane, Daiane, Ricardo, Rosemeire, Ângela Paula, Crishna, Elton e o demais colegas de instituição que não são do curso de Geografia e que me apoiaram todo o tempo.

Enfim, à minha família, sem cuja presença e amor dedicados nunca teria conseguido chegar até aqui.

À minha mãe, Maria da Conceição, a Eduardo, Sueli, Paulo, Ana Carolina e Suerlane que são meus irmãos de sangue e todos os meus sobrinhos os quais amo tanto.

O segredo do perdão é olhar sem julgamento. O segredo da fé é procurar as provas. O segredo do carisma é olhar com amor. O segredo da saúde é a alegria. O segredo da força é a vontade. O segredo do amor é a inteligência. O segredo do destino feliz é ficar no melhor. O segredo do equilíbrio é buscar o espiritual.

A vida tem seus segredos, mas para quem está atento fica fácil descobri-los.

Zibia Gasperetto

RESUMO

O presente trabalho consiste no resultado de uma pesquisa realizada junto aos professores das escolas públicas da rede estadual na cidade de Jacobina, Bahia, Brasil, que trabalham com crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, e tem como objetivo analisar a relação entre a prática pedagógica e a formação destes profissionais, ressaltando a seriedade do ensino da Geografia e a necessidade de uma boa Alfabetização Cartográfica nesta fase da educação. Para o alcance dos objetivos na condução da pesquisa, optou-se pelo método de abordagem dialético, em que se buscou a descrição-explicação da inter-relação do todo com as partes e vice-versa, levando em conta a dimensão histórica do fenômeno. Por esse motivo foi empregado o instrumento de coleta de dados da abordagem qualitativa e a observação direta.

São feitas também recomendações acerca da temática no sentido de incentivar a discussão na busca de alternativas amenizadoras bem como, sugerir ações que possam contribuir positivamente no que diz respeito ao ensino da Cartografia para crianças.

Palavras-chaves: Formação dos professores, Alfabetização Cartográfica, Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted with teachers of public schools in the state system in the city of Jacobina, Bahia, Brazil, working with children from 1st to 5th year of elementary school, and aims to analyze the relationship between pedagogical practice and training of health professionals, stressing the seriousness of the teaching of Geography and the need for good literacy Cartographic this stage of education. To reach the objectives in conducting the research, we opted for the method of dialectical approach, which sought the explanation-description of the interrelationship of the whole with the parts and vice versa, taking into account the historical dimension of the phenomenon. For this reason we employed the instrument to collect data from direct observation and qualitative approach. Are also made recommendations on the subject in order to stimulate discussion in the search for alternatives as well as minimized, suggest actions that can contribute positively in relation to education for children of Cartography.

Keywords: Training of teachers, cartographic literacy, early grades of elementary school.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA CONCEITUAL..... | 16 |
| 2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E O ENSINO DA CARTOGRAFIA | 20 |
| 3 O ENSINO DA CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS..... | 27 |
| 4 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JACOBINA – BAHIA ONDE ESTÃO INSERIDAS AS ESCOLAS | 30 |
| 4.1 Breve histórico da área de estudo | 32 |
| 5 DESENVOLVIMENTO E RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO..... | 38 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 48 |
| REFERÊNCIAS | 51 |
| APÊNDICE | 54 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Imagem 1 Mapa com a localização das escolas no município de Jacobina..... | 33 |
| Imagem 2 Escola Estadual Adonel Moreira de Freitas..... | 34 |
| Imagem 3 Escola Estadual Emília Brandão | 35 |
| Imagem 4 Escola Estadual José Prado Alves | 36 |
| Imagem 5 Escolas Reunidas Maria da Glória e Maria Prima | 37 |
| Imagem 6 Mapa com a Localização do Município de Jacobina no estado da Bahia...61 | |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-----------|--|----|
| Grafico 1 | Forma de abordagem do espaço em sala de aula..... | 40 |
| Grafico 2 | Recursos disponíveis nas escolas | 42 |
| Gráfico 3 | O que falta para melhorar o ensino da Cartografia para crianças...44 | |
| Grafico 4 | Curso em que gostaria de ser graduado(a)..... | 45 |

ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|----|
| IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística..... | 18 |
| CNAE - Comissão Nacional de Classificação..... | 19 |
| INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais..... | 19 |
| PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais | 28 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma discussão a respeito da formação dos professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental das escolas da rede estadual na cidade de Jacobino-Ba, que, segundo Barbosa (2005 p.55), a cidade é resultado de um assentamento às margens do Rio Itapicuru Mirim no Piemonte da Chapada Diamantina, o município de Jacobina (localizado entre as coordenadas geográficas de 11° 11' 8" de latitude sul e 40° 28' de longitude oeste), distante de Salvador aproximadamente 330 km, possui uma área de 2.319,825 quilômetros quadrados e se encontra a uma altitude média de 485m acima do nível do mar, conforme mapa exposto no anexo II.

A origem do município teve forte ligação com o ciclo mineiro no país, a partir do século XVII. O sítio inicial foi se constituindo por cabanas distribuídas de maneira desordenada paralelas ao rio e foi crescendo pela expansão da pecuária e pelo impulso da exploração das minas de ouro. Foi a atividade mineira, mesmo considerando suas oscilações a maior responsável pelo crescimento populacional da cidade. De acordo com os dados do ultimo censo demográfico (IBGE, 2009), a cidade apresenta uma população de 79.013 habitantes.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a relação da prática pedagógica com a formação destes profissionais , uma vez que estes têm papel importante na preparação do discente para as etapas seguintes da educação.

Para facilitar o entendimento desta questão, entende-se que a alfabetização cartográfica é relevante neste processo inicial de aprendizagem e deve ser aplicada de acordo o grau de desenvolvimento em que se encontra o aluno, o professor que está em sala de aula deve dominar o conteúdo e acima de tudo ser capaz de compreender que a criança tem uma percepção diferente do adulto, e por esse motivo compreender as suas limitações e anseios diante do

novo, incentivando-o a buscar de acordo com os seus interesses relacionar a Cartografia com o seu espaço de vivência.

Partindo da suposição de que a deficiência na formação destes professores interfere no ensino da Cartografia, especificamente na alfabetização cartográfica, e analisando como se dá este processo de aprendizagem, buscam-se neste trabalho respostas acerca de hipóteses levantadas a partir de constatações feitas durante as aulas de Geografia ministradas para crianças do primeiro ao quinto ano, observa-se que existe uma lacuna deixada pela falta de aperfeiçoamento dos profissionais atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

O ensino nas escolas públicas vem sendo investigado por diversos estudiosos, tornando-se um importante objeto de estudo de várias pesquisas, e neste trabalho, além de se tratar da formação de professores, enfoca especialmente a prática pedagógica destes profissionais no que diz respeito ao ensino de Cartografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na cidade de Jacobina Bahia, objetivando assim através desta pesquisa formar grupos específicos de estudos que contemplem esses profissionais contribuindo para a construção de conhecimento e na medida do possível de novas práticas no ensino desta disciplina, visando ir além da investigação, pois é importante que os profissionais envolvidos com na pesquisa saibam do resultado final e possam assim fazer uma reavaliação do seu trabalho em sala de aula.

Através do método hipotético dedutivo, busca-se investigar a atuação dos professores que atuam nesta fase da formação e para tal partiremos de alguns questionamentos como: Qual a maior influência do ensino da Cartografia nas séries iniciais do ensino fundamental? Quais as conseqüências de uma alfabetização cartográfica deficiente nas etapas seguintes da formação dos alunos? Como tem sido a formação docente ou a ética profissional do professor na sua prática educativa?

Para o alcance dos objetivos com rigor e confiabilidade, na condução da pesquisa, optou-se por este método de abordagem que devido à natureza do

objeto escolhido, que faz parte da realidade escolar, é a mais conveniente, visto que esta pesquisa buscou a descrição-explicação da inter-relação do todo com as partes e vice-versa, levando em conta a dimensão histórica do fenômeno. O enfoque é quantitativo, utilizando o qualitativo de forma complementar com uma proposta que pretende seguir a vertente do método acima citado.

Quanto aos objetivos essa pesquisa será dos tipos: descritiva e explicativa. Para Ghedin e Franco (2008), não basta apenas a descrição, é importante que vá além do observável em busca da explicação. Os estudos descritivos buscam especificar as propriedades, características do fenômeno analisado, medem, avaliam ou coleta dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Já os estudos explicativos almejam a identificação dos fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. (GIL, 2002).

Em relação aos procedimentos técnicos, adotou-se a pesquisa de campo, conforme Gil (2002) a pesquisa de campo ou estudo de campo, procura aprofundar as questões propostas ao apresentar muita flexibilidade, o que permite reformulações durante a pesquisa. O pesquisador tem experiência direta com a situação estudada por fazer o seu trabalho pessoalmente; é basicamente realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorre naquela realidade.

Por esse motivo foi empregado o instrumento de coleta de dados da abordagem qualitativa, a observação qualitativa ou observação direta, em que foi possível o registro por meio de fotografias e anotações pertinentes, a partir do questionário de avaliação da formação do docente e materiais empregados no ensino da Cartografia utilizados pelos professores em sala de aula.

A viabilidade deste trabalho esteve pautada em três aspectos essenciais: atualidade do tema, o interesse dos autores e as escolas públicas da rede

estadual existentes na cidade, o que tornou possível a consecução dos objetivos propostos.

Muitos trabalhos referentes à alfabetização cartográfica são encontrados na internet, principalmente os que foram desenvolvidos no Sul do país. No que diz respeito ao município de Jacobina, diante de um levantamento realizado no campus IV, nenhum trabalho se reportou a essa problemática voltada para as séries iniciais do Ensino Fundamental, enfatizando o ensino da Cartografia para crianças. Dessa maneira pretende-se colaborar para uma possível melhora das condições atuais do ensino de Cartografia para o público infantil, ao abrir caminhos para outras pesquisas com escopos análogos.

Estruturou-se este trabalho em seis capítulos:

No primeiro buscou-se conceituar as noções de Cartografia, apresentando um breve histórico desta disciplina, atentando para as suas características, em seguida, no segundo capítulo, investigou-se a relação entre formação do professor e a sua prática pedagógica, procurando fazer uma análise daquilo que ele aprendeu e o que ensina. Dando continuidade, logo após, no capítulo três evidenciou-se o ensino da Cartografia para crianças destacando a importância da valorização dos saberes que este alunos traz para a escola e como ela pode ser contextualizada facilitando o seu entendimento e assim despertar maior interesse por parte do aluno. O quarto capítulo é destinado a uma caracterização do município de Jacobina, onde estão inseridas as escolas que foram pesquisadas e um breve histórico da área de estudo. No quinto capítulo, é mostrado o desenvolvimento do trabalho de campo e a apresentação dos resultados da pesquisa de através de gráficos e análises de todo o espaço escolar, e só depois se faz uma discussão para constatações acerca das condições de trabalho e formação do professor nas escolas pesquisadas e só assim considerar a alfabetização cartográfica nas séries iniciais do Ensino Fundamental como relevante para o desenvolvimento do saber geográfico.

Terminada as análises e discussões, são reveladas no capítulo seis as considerações finais a que se chegou sobre a problemática inicial. Sendo que as apropriações de diversos conceitos estão presentes na discussão sobre a alfabetização cartográfica dentro da educação infantil.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA CONCEITUAL – A CARTOGRAFIA NO BRASIL

Mesmo ainda não sendo reconhecida formalmente de maneira sistemática a Cartografia já existia desde o início dos tempos e vem sendo utilizada a todo o momento desde os povos primitivos que viviam como caçadores e guerreiros e precisavam se locomover a todo o momento, criando estratégias de localização, dando origem aos “mapas” primitivos, até hoje com uma grande variedade de recursos tecnológicos os quais facilitam esse trabalho. A princípio de maneira mais sutil, mas, com a evolução do homem e o anseio por novos espaços e conquistas de novos lugares, ela ficou mais evidente, principalmente quando se reporta às grandes navegações e batalhas que aconteceram ao longo da história, como é o caso das expedições marítimas portuguesas e espanholas e as I e II Guerras Mundiais, por exemplo.

A Cartografia não deve ser dissociada da Geografia, pois elas se complementam, a primeira é um instrumento de uso da segunda. E SOUZA (2006), afirma que na Geografia, mais que qualquer outra disciplina escolar o uso das imagens é indispensável e o uso delas nesta disciplina não é algo novo, desde a década de 1970 vem se trabalhando essa temática “Quando lidamos com desenhos, estamos lidando com o aspecto vivo do pensamento e da memória”. SOUZA (2006). As definições sobre a Cartografia a partir da década de 1970 são muito diversificadas e ela vem sendo classificada como arte, técnica ou como disciplina de acordo com a concepção, área de abrangência, competência e evolução tecnológica conforme afirma SIMIELLI (2008). A Cartografia ao longo da sua existência sofreu e ainda hoje sofre várias transformações com o avanço dos recursos tecnológicos, e essas modificações influenciam no tratamento da mesma, uma vez que depende da finalidade a qual se propõe a utilização da disciplina.

As primeiras definições colocam a Cartografia como disciplina [...] outras definições apresentam a Cartografia como arte, na qual a preocupação com a estética do mapa é fator primordial... Assim como propõe alguns autores, a Cartografia

passa a se preocupar com o usuário do mapa, com a mensagem transmitida e com a eficiência do mapa como meio de comunicação. (SIMIELLI 2008)

Oliveira, apud Katuta, vem reforçar a idéia e confirmar o conjunto de fatores que compõe a Cartografia. A arte, na parte visual e a ciência no que diz respeito à pesquisa atrelada a análise e coleta dos dados e outros elementos a serem investigados.

[...] é o conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou análises de documentação, visando a elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, bem como a sua utilização. (2006, p. 47).

Para muitos a Geografia mesmo sendo fundamentada em pesquisas comprovadas cientificamente é vista nas escolas como uma disciplina secundária, sem conexão e conseqüentemente sem valor para a vida. Esta desvalorização cresce mais ainda quando se reporta a Cartografia. Mesmo sabendo que as pessoas utilizem mapas rodoviários, vejam mapas climáticos apresentados em vários momentos na TV, em livros ou revistas, ou até mesmo o mapa da cidade em que habita, é muito vaga a noção que elas têm de que isso tudo está ligada à Cartografia e que a falta de habilidade cartográfica leva muitos a ficarem girando o mapa tentando se localizar ou dizerem que o Norte fica para cima.

Ler um mapa e retirar dele informações não é tarefa simples, principalmente se o indivíduo não aprendeu na escola e não tem noção do que sejam os símbolos e convenções nele representados e com isso ele está deixando de obter dados importantes que um mapa traz. Só saber ler e fazer cálculos não vai ajudar muito quando se refere à Cartografia, mas outras habilidades devem ser despertadas para tal finalidade.

Não se pode fazer julgamentos a respeito dessas pessoas, pois elas não são as únicas culpadas por não terem o conhecimento sobre o que é nem a importância do saber cartográfico, e mais, quando se pergunta o que é Cartografia para muitas pessoas, em especial os alunos que ainda estão em

sala de aula, geralmente respondem que não sabem e/ou nunca ouviram falar. Por isso é importante ressaltar sempre a importância desse conhecimento precioso ligado à Geografia.

Cartografia (do grego *chartis* significa mapa e *graphein* significa escrita), é a ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo dos mapas. Ela pode ser considerada como linguagem universal, à medida que utiliza ampla variedade de símbolos conhecidos por todos. Mais do que isto, é uma linguagem visual, de percepção de imagens que é utilizada no cotidiano muitas vezes até sem perceber. A Cartografia possibilita sintetizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, entre outras alternativas, sempre envolvendo a idéia de produção do espaço.

De acordo com Archela (2006), até 1970 no Brasil o órgão responsável pela divulgação dos mapas oficiais era o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) criado pelo governo a partir dos anos 1930 em comum acordo dos governos estadual e federal, após ser constatada a necessidade do mapeamento no Brasil de forma mais precisa, pois o que já havia sido feito cartograficamente gerava uma série de dúvidas devido ao processo como eram elaborados e em muitos casos a ausência de localidades, vilas e povoados pertencentes a municípios que nem sempre sabiam da sua localização exata dificultando o acesso e implementação de possíveis melhorias.

A maior parte do país era ainda desconhecida física e culturalmente, apesar do trabalho cartográfico empreendido pelos diversos órgãos federais e estaduais. A maioria das cidades e vilas não estavam localizadas com precisão. A área, a forma e a configuração dos municípios eram desconhecidas dos funcionários municipais [...] (ZARUR, 1848 apud ARCHELA, 2006 p. 27)

A Cartografia vai sendo atualizada de acordo a evolução tecnológica, a qual vai aprimorando as técnicas de coletas de dados e facilitando a confecção de mapas que trazem informações cada vez mais seguras e fiéis ao objeto de estudo.

Segundo Archela é (2006), é evidente que os recursos utilizados para fazer o mapeamento do território brasileiro não eram dos mais modernos, como se deu ao longo do tempo, muitas cartas foram elaboradas sem o padrão das escalas oficiais, somente com informações dadas pelos exploradores a partir de sua percepção em campo. E por isso, parte da Amazônia ficou sem aparecer nos mapas por um longo período, devido à sua grande extensão territorial e dificuldade de locomoção que os exploradores e pesquisadores tinham na floresta ficou boa parte e por um longo período sem ser mapeada, mesmo sabendo que essas terras faziam parte do território nacional. Muito tempo depois, somente na era Vargas é que o Brasil foi devidamente mapeado, sendo utilizada na sua carta topográfica a escala oficial de 1: 1.000.000

A partir da década de 1970, com a criação do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), em substituição do CNAE (Comissão Nacional de Classificação) e da implantação do Projeto Radam Brasil, este órgão, o IBGE, deixa de ser o único e passa a trabalhar em parceria com os demais citados acima e a partir de então diminui as suas publicações relacionadas à cartografia.

A partir deste período passam a ser realizados eventos específicos em sensoriamento remoto, mapeamento sistemático, geodésia, agrimensura, planejamento e computação gráfica [...] (ARCHELA, 2006 p. 33).

E a partir da padronização da linguagem cartográfica, ou seja, a adoção de símbolos e convenções, todos passam a ter acesso aos materiais produzidos pelos cartógrafos sem correr o risco de fazer uma interpretação diferenciada em cada lugar onde fosse elaborado uma carta topográfica ou um mapa com linguagem específica, já que agora segue-se um padrão, uma língua quase que “universal” na Cartografia. Neste sentido surge a demanda em aprender e ensinar os símbolos e convenções cartográficos. Na Geografia o uso de imagens é imprescindível, um material valioso a ser trabalhado, pois o mapa é uma imagem construída pela mão do homem para representar o espaço

geográfico, ele é controlado pela mente humana, plausível de subjetividade, podendo haver ou não interpretações variadas, seja qual for o recurso utilizado na sua confecção. Todos os eventos acontecem em algum lugar e o mapa possibilita esse diálogo do acontecimento com o espaço geográfico do evento.

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA E O ENSINO DA CARTOGRAFIA

O responsável pela formação cartográfica do estudante é o professor que atua nesta etapa da formação, que para cumprir seu papel de forma satisfatória terá de possuir habilidades e sensibilidade no despertar das percepções para o trabalho dos conceitos cartográficos. Para o professor ter esse saber cartográfico é necessário que a sua formação seja suficiente para dominar o conteúdo. Nesta perspectiva, a formação do professor precisa ser assegurada para que tenham um bom domínio dos conteúdos e estratégias cartográficas. É de suma importância não apenas para a sua prática pedagógica, mas também, para a sua vida que haja sempre esse processo de formação continuada, cursos de aperfeiçoamento em Cartografia, área em questão nesta pesquisa e não apenas cobrar destes profissionais resultados que não podem ser alcançados sem o devido preparo. Neste sentido, Katuta (2000, p. 128), destaca que há grande necessidade de uma constante atualização dos profissionais que ensinam Cartografia já que “Ensinamos apenas aquilo que sabemos, e é pouco provável que alguém que tenha uma alfabetização cartográfica deficiente ensine a ler mapas.”

Vesentini (2002) diz que a formação deve ser garantida desde o início e que não existe tanto esforço nas universidades com a formação do professor de Geografia para atuar no ensino fundamental e médio, o que é preocupante, pois desta etapa do aprendizado é que sairão os estudantes preparados ou não para o ensino fundamental II e médio, deixando assim mais evidente ainda

a necessidade de uma atenção maior para esses profissionais que atuam nesta etapa da formação dos alunos. O objetivo maior nas faculdades é saber se o indivíduo vai sair de lá com um currículo apreciável para o campo de trabalho, referindo-se aqui àqueles que seguirão na carreira docente como professores do ensino fundamental II e médio visando mais a frente uma vaga como professor universitário. Neste sentido o autor destaca que:

A preocupação com a formação do professor de Geografia, em especial com relação à escola fundamental e médio, é quase inexistente nos cursos de Geografia, mesmo nas melhores universidades do país [...]. Na prática sempre se priorizou a formação do futuro especialista (em Geomorfologia, Cartografia, Geografia Agrária etc.) [...] (p. 235).

Conforme afirma o autor, no Brasil, o professor em geral passou por um processo de desvalorização da profissão, até 1968 o salário de um docente equiparava-se ao de um promotor ou juiz, isso antes da ditadura militar que reformulou a educação no país. A partir da década de 1980, esse processo de decadência se acentuou e esse mesmo profissional passou a ganhar um salário equivalente ao de um motorista. No caso específico da disciplina Geografia ainda houve o agravante da carga horária ser drasticamente reduzida, ou determinados conteúdos tenham sido suprimidos, fazendo com que ela viesse perder espaço para outras consideradas mais importantes na formação do cidadão.

Vesentini (2002), quando apresenta o processo de desvalorização do professor a partir de 1967 deixa claro que a dificuldade do ensino, além de ser um problema social e econômico, pois a desvalorização do professor na sociedade brasileira contemporânea afeta seu desempenho profissional, é também um problema técnico e ético. Técnico porque a preparação do docente deve ser rigorosa, favorecendo sua formação didática competente para que o mesmo possa atuar de forma eficiente e eficaz em sua intervenção cotidiana na escola e na sala de aula. É também um problema ético, pois, com a justificativa da desvalorização profissional, alguns professores, justificam sua incompetência e

o pior, sua negligência, na prática educativa, principalmente nas escolas públicas municipais e estaduais.

No campo do ensino da Cartografia nas séries iniciais do ensino fundamental, percebe-se a necessidade de profissionais realmente envolvidos com a causa da educação e verdadeiramente comprometidos com a formação desses educandos. Uma educação pública de qualidade é um direito de todos, mas para que ela aconteça é preciso que, entre outros fatores haja profissionais realmente capacitados, engajados e comprometidos com o seu papel, pois não adianta simplesmente enviar professores para a sala de aula sem domínio de conteúdo para serem apenas transmissores de conhecimento ou conteúdo do livro didático, embora dominar conteúdos não significa saber ensinar.

Paulo Freire (2007), sabiamente diz que “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 47). O autor coloca que envolver o aluno e fazer com que ele, a partir da orientação do professor, possa ser capaz de pensar e agir, é uma tarefa que dará possibilidades para o aluno construir seu próprio conhecimento e não apenas reproduzir o que lhe é ensinado em sala de aula, pois o processo de aprendizado vai além desta, e que para isso acontecer, o docente deve ser bem preparado.

Segundo André apud Katuta (2001, p. 66) o que ocorre sempre é que o professor não está pronto para desempenhar esse papel, o de alfabetizador cartográfico na sala de aula, devido à formação deficitária que recebeu, que nem lhe propiciou o acesso aos conhecimentos necessários ao domínio dos componentes curriculares que leciona, nem lhe deu oportunidades de desenvolver sua condição de sujeito produtor desses conhecimentos e responsável por seu avanço.

Callai (2002), afirma que a preparação dos professores de Geografia deve ter uma preocupação que vá além de treinar para passar o conteúdo, caso haja interesse destes docentes preocupados apenas em obter um título, cumprir uma exigência que lhes é imposta pela lei. Deve haver o compromisso em

conscientizar os futuros docentes e os que já atuam na área que a sua formação não se esgota quando sai da universidade, pelo contrário, continua por toda a sua vida independente dele estar ou não em sala de aula, é imprescindível uma formação continuada, pois em qualquer campo de atuação como profissional capacitado deve haver um conhecimento sempre atualizado e acompanhado de estratégias atuais que o ajudem a desenvolver um trabalho satisfatório.

Almeida (2002, p. 269), ressalta que o profissional de educação “deve ser comprometido com a construção de seu conhecimento, sabendo articular teoria e prática, sua formação não se esgota na universidade, mas é imprescindível a visão de educação permanente”.

No mundo globalizado em que vivemos é necessário discutir sobre a importância da formação de professores. Várias são as análises realizadas nesta área, considerando a necessidade de não abordar apenas os aspectos técnicos, políticos e profissionais, mas também rever os aspectos humanos do trabalho docente, onde se percebe que os sistemas educacionais não atendem às necessidades dos alunos e da sociedade. A formação de professores para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental tem se mostrado deficiente no que tange aos conteúdos geográficos e em especial aos conteúdos de Cartografia, fazendo-se necessário a busca de novas técnicas, metodologias e cursos de formação continuada, com a proposta de reestruturação dos conceitos básicos para o aprendizado da alfabetização cartográfica.

Segundo Wettstein (2001), o ensino da Geografia tem se mostrado deficiente por parte de alguns professores, que não escolhem devidamente os temas a serem trabalhados em sala de aula, eles continuam dedicando mais tempo explicando as realidades estáticas ao invés de explicar como se deu esse processo de mudança.

[...] afirmo que o prestígio do objeto “morto” incide, indevidamente, também sobre os professores de geografia. E, em muitas ocasiões, não somente ao ensinarem, mas também ao escolherem os temas a serem pesquisados (p. 125).

Este mesmo autor questiona o envolvimento do professor com a causa social, com o ensino do mundo como ele é e não como foi, para ele é muito importante o docente estar consciente geograficamente do passado e presente para conseguir atingir o objetivo de tornar os alunos pessoas conscientes da realidade que vive e assim contextualizar aquilo que aprendeu em Geografia.

A grande maioria dos professores da rede pública tem consciência de que o ensino atual da Geografia não satisfaz nem o aluno nem a si mesmo enquanto ministrante das aulas e para justificar tal situação evoca-se um quadro vivido no país durante muitos anos e que permanece até os nossos dias como; jornada de trabalho incompatíveis com a docência, salas superlotadas o professor que assume sozinho uma turma com mais de trinta alunos; salários abaixo do merecido pela categoria; ausência de cursos de “reciclagem” ou formação continuada para esses profissionais; falta de entrosamento entre diretores e professores em algumas escolas. Esses e muitos outros assuntos que procuram justificar a deficiência no ensino e da formação dos professores são lembrados em qualquer debate sobre a situação do ensino atual e em especial a Geografia que não foge a regra.

O ensino no Brasil tornou-se uma indústria de livros didáticos, controlados por empresários que visam puramente o lucro, sem importar-se com a qualidade do material colocado no mercado e a maioria nas mãos de professores e alunos das escolas públicas do Brasil, o qual praticamente se tornou uma “Bíblia” para o docente, que o escolhe dentro de uma lista previamente elaborada pelas editoras e que nem sempre são materiais de qualidade colocados no mercado, sem erros e com veracidade científica, nem sempre estes recursos oferece conteúdos que venham a desenvolver no educando as habilidades necessárias para a alfabetização cartográfica, pois nesta fase é necessário dar prioridade ao trabalho de construção das relações espaciais partindo do espaço próximo para o espaço distante do aluno. Os educadores devem compreender que os conteúdos propostos pela Geografia, atrelam teoria e prática como forma eficaz para construir os seus saberes, privilegia a

interação entre o educando e os conteúdos didáticos, permitindo a utilização de recursos paralelos para enriquecer a metodologia aplicada em sala de aula.

Oliveira (2001, p.137) afirma que existem duas Geografias, a que se produz nas universidades e a que se ensina nas escolas a qual é chamada de “Geografia dos professores” e vai mais além quando afirma que esse processo se dá quando confirmado que a produção do livro didático não acompanha as transformações que a ciência geográfica tem vivido nos últimos tempos. O autor diz que grande maioria dos livros contém erros grosseiros, os quais se listados poderiam render material para escrever um livro.

No caso específico da disciplina Geografia percebe-se que a mesma tem sido vista como uma disciplina inútil e decorativa, principalmente por parte dos alunos do ensino fundamental e médio. Observamos o quanto se tem ignorado os processos sociais e os contextos da ação e produção do homem no espaço e priorizado fatos e exposições voltadas apenas para a ação humana e recursos naturais. Diante disso, frente ao despreparo dos professores para enfrentar as exigências da escola pública provenientes do mundo atual globalizado, torna-se necessário interrogar sobre o compromisso assumido pela universidade quanto à questão da formação do professor de Geografia.

Conforme Pontuschka (2007, p. 90), durante muitos anos, a formação docente no Brasil representou uma posição secundária na ordem das prioridades educacionais, caracterizando um processo de desvalorização da profissão marcada pela consolidação da tutela político-estatal sobre o professorado. A prática profissional dos professores expressa-se, muitas vezes, de forma ordenada e racionalizada pelas instâncias técnicas e administrativas dos sistemas de ensino, situação em que o professor dispõe de pouca autonomia diante das decisões sobre o que ensinar, como ensinar e como avaliar o que se ensina e o que se aprende.

No que concerne à educação cartográfica, observa-se a existência de linhas de pesquisa voltadas para teorias e práticas cartográficas, como também técnicas de produção e uso de mapas e, no entanto, identificam-se deficiências nas

grades curriculares de cursos que formam professores de Geografia, tal como a ausência de componentes curriculares que auxiliem aos professores a ensinarem Cartografia para crianças do 1º e 2º ciclo do Ensino Fundamental.

Existe, portanto, uma distância entre a produção acadêmica e o Ensino Fundamental e Médio. Muitas práticas pedagógicas do ensino de Geografia estão ultrapassadas e mesmo se questionando os livros didáticos, é constatado que às vezes os conteúdos ensinados nas faculdades coincidem com aqueles dos livros didáticos e esses têm a mesma bibliografia desses cursos de nível superior, assim, não é somente o professor de ensino fundamental que deve ter o cuidado na hora de escolher o conteúdo, também o universitário, pois daí resulta o profissional que atuará no ensino fundamental.

A falta de conhecimento de Cartografia e de como ensiná-la, por um professor habilitado em outra área de conhecimento, torna-se, talvez, um empecilho para que ele possa transpor esses conhecimentos aos seus educandos, outro fator determinante de uma boa aula ou não em relação à Cartografia, principalmente em escolas públicas, é a falta de material didático adequado ao ensino desta disciplina.

Cabe ressaltar que esta situação está em processo de mudança, embora se saiba que de maneira muito arrastada, uma vez que envolve interesses que vão além da sala de aula. Tanto em nível nacional quanto internacional, há um movimento que luta pela valorização da formação e da profissão docente, encarando a formação como um processo permanente, marcado pelo desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa, que deseja conferir ao professor autonomia na profissão e elevando seu estatuto profissional. O professor é apresentado ainda como extremamente necessário nesta época em que o avanço tecnológico vem tomando o espaço do homem em diversos setores no mercado de trabalho

Assim para Pontuschka (2007, p. 92) a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96 apontou inovações no âmbito da formação do profissional docente, criando o Instituto Superior de Educação, além de prever que a

formação de professores para todas as etapas da educação básica se realize, prioritariamente, em nível superior. Ao mesmo tempo, foram definidos novos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino básico e elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para todos os cursos superiores de graduação.

3 O ENSINO DE CARTOGRAFIA PARA CRIANÇAS

A criança no processo natural de evolução do seu conhecimento questiona, analisa, observa e à sua maneira tenta explicar os fenômenos naturais e sociais que acontecem no seu dia-a-dia, mesmo antes do seu ingresso na escola. Desse modo, torna-se necessário ao docente oferecer um conjunto de situações de aprendizagem que suscitem problemas relacionados ao cotidiano dos alunos, sempre considerando diferentes escalas de tempo e espaço, levando em conta que cada um tem um andamento próprio de aprendizado, que não existe um padrão que deva ser seguido em se tratando da educação infantil e que a criança nesta fase utiliza-se muito da linguagem visual, um recurso que deve ser explorado pelo professor no intuito de despertar sua curiosidade natural em busca de novos conhecimentos, este é o momento em que o aluno tem que iniciar-se nos elementos de representação cartográfica e para reforçar esta colocação Simielli (2000) destaca:

Em primeiro lugar, aproveitando o interesse natural da criança pelas imagens desde as séries iniciais, que é uma atitude fundamental para a Cartografia. Para atingir esse objetivo devemos oferecer inúmeros recursos visuais, desenhos, fotos, maquetes, plantas, mapas, imagens de satélites, figuras, tabelas, jogos e representações feitas por crianças, acostumando o alunos à linguagem visual (p. 97).

Sabe-se que o trabalho nas séries iniciais do ensino fundamental é uma etapa imprescindível para a formação humana. É nesta etapa que os seres humanos constroem alguns fundamentos essenciais para o seu desenvolvimento intelectual e moral, permitindo sua inserção na vida social de modo mais qualitativo, dominando, entre outras coisas, a leitura, a escrita e a interpretação dos textos, o cálculo matemático básico, os fenômenos elementares da natureza e do espaço social, cultural, político, econômico e geográfico, área de estudo desta pesquisa. Sendo assim, um ensino de qualidade exige que os conteúdos a serem assimilados pelos educandos devem ser apresentados numa perspectiva metodológica adequada às demandas cognitivas, culturais e sociais contextualizada com a vida do aluno.

Simielli (2000), diz que o conteúdo a ser aplicado, deve ser selecionado de acordo a idade e a série do aluno, estabelecendo uma relação de respeito ao seu espaço de vivencia, fazendo com ele aos poucos seja situado em uma esfera espacial de escala maior. Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Geografia (1ª a 4ª série) afirmam que no final do primeiro ciclo, o aluno deve ser capaz de ler, interpretar e representar o espaço por meio de mapas simples.

Para que os alunos identifiquem o que seria esse espaço geográfico, a correlação deve ser feita a partir do seu espaço de vivência e para tanto o professor deverá adotar exemplos que estejam ligados ao universo da criança, como o quarto, sala de aula, quadra de futebol, enfim, todos os espaços vivenciados pelo aluno, por isso a autora faz a seguinte afirmação:

Assim a Cartografia de 1ª a 4ª série do ensino fundamental deve iniciar seu trabalho com o estudo do espaço concreto do aluno, o mais próximo dele, ou seja, o espaço de aula, espaço

de escola, espaço do bairro para somente nos dois últimos anos se falar em espaços maiores: município, estado, país e planisfério. (SIMIELLI, 2000, p. 98)

A autora ainda questiona as formas como a Cartografia é trabalhada em sala de aula com crianças na fase inicial do ensino quando relata que:

Cartografia-cópia, Cartografia-desenho, são atividades que eu não considero como uma possibilidade de trabalho efetivo em sala de aula e, sim, como um desvio ou mau ensino da Cartografia/Geografia em sala de aula (Ibidem, p.99).

Almeida (2004, p.18) diz que o espaço é um conceito muito abstrato para uma criança e é a partir de sua realidade, do seu espaço vivido, percebido e concreto que se deve começar o trabalho na escola. As atividades necessitam partir do espaço próximo, do que é familiar para após trabalhar com espaços mais distantes. Cabendo assim ao professor, a tarefa de promover essas atividades ajudando o aluno no desenvolvimento das noções espaciais. Geralmente, o aluno não tem domínio do todo espacial e usa pontos de referência elementares para localização e orientação.

Nem sempre as crianças entendem os conceitos espaciais utilizados pelos adultos e essa é uma das grandes dificuldades encontradas pelo professor de Geografia que atende a esse público em especial, a transposição didática numa linguagem apropriada e de fácil compreensão por parte dos alunos. Simielli (2000), diz que o conteúdo programático deverá ser desenvolvido ao longo do tempo segundo o saber adquirido e o saber ensinado na escola ou fora dela, sendo que os temas devem ser aprofundados de forma crescente, acompanhando o conteúdo da Geografia e o desenvolvimento natural da criança.

5 DESENVOLVIMENTO E RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO

Para se fazer uma pesquisa científica de qualidade a escolha do método é imprescindível. Levando em consideração que cada um tem suas características próprias, este deve ser selecionado de acordo com o objeto a ser pesquisado, visando sempre os resultados que se pretende alcançar. Se o modelo é bem planejado, o produto final de uma pesquisa terá maiores possibilidades de êxito para gerar conhecimento. Esta pesquisa possui enfoque quantitativo, utilizando o qualitativo de forma complementar com uma proposta que pretende seguir a vertente do método hipotético-dedutivo, a partir da observação de experiências específicas inerente à realidade cotidiana do objeto pesquisado, onde se pretende estabelecer relações analíticas de similaridade entre a teoria proposta e prática.

Considerando a relevância da alfabetização cartográfica e a formação do professor que atua nas séries iniciais do Ensino Fundamental, este trabalho busca de alguma maneira contribuir com as discussões acerca da melhoria na qualidade do ensino de Geografia e conseqüentemente no trabalho com a Cartografia nas escolas públicas de Jacobina, Bahia.

A elaboração da pesquisa buscou compreender os procedimentos de preparação do docente e seus conhecimentos geográficos referentes à alfabetização cartográfica mediante aplicação de questionário aos professores envolvidos neste seguimento de ensino.

É apresentado aqui, para uma melhor contextualização do tema, um breve histórico da área de estudo, bem como a localização das escolas envolvidas na pesquisa. Na cidade de Jacobina, Bahia existia cerca de quinze unidades escolares da rede estadual de ensino que atendiam o público do Ensino Fundamental, sendo que destas somente quatro permanecem em

funcionamento, pois a partir de 1994 começou o processo de extinção ou municipalização das unidades onde a demanda de alunos não era suficiente para manter uma escola em funcionamento.

Não houve uma padronização neste processo de desativação, cada escola teve seu tempo e portaria específica, algumas delas coincidiram de serem fechadas no mesmo ano. Este processo de extinção se deu pelo fato de ser mais rápida a abertura de uma nova unidade do que fazer transferência de razão social. Aparentemente não houve prejuízo para os professores destas escolas que foram desativadas, pois os mesmos continuam recebendo seus dividendos como professores estaduais prestando serviço em escolas do município. Alguns dos funcionários que atuavam na administração também foram aproveitados no sistema de Parceria e Ação, acordo feito entre o governo estadual e municipal, em que os funcionários do Estado passaram a atuar no município sem sair da folha de pagamento estadual.

Devido a estas mudanças já destacadas, hoje, na cidade de Jacobina restam quatro escolas que continuam oferecendo o Ensino Fundamental I e que são o foco da pesquisa em questão. (Imagem 2)

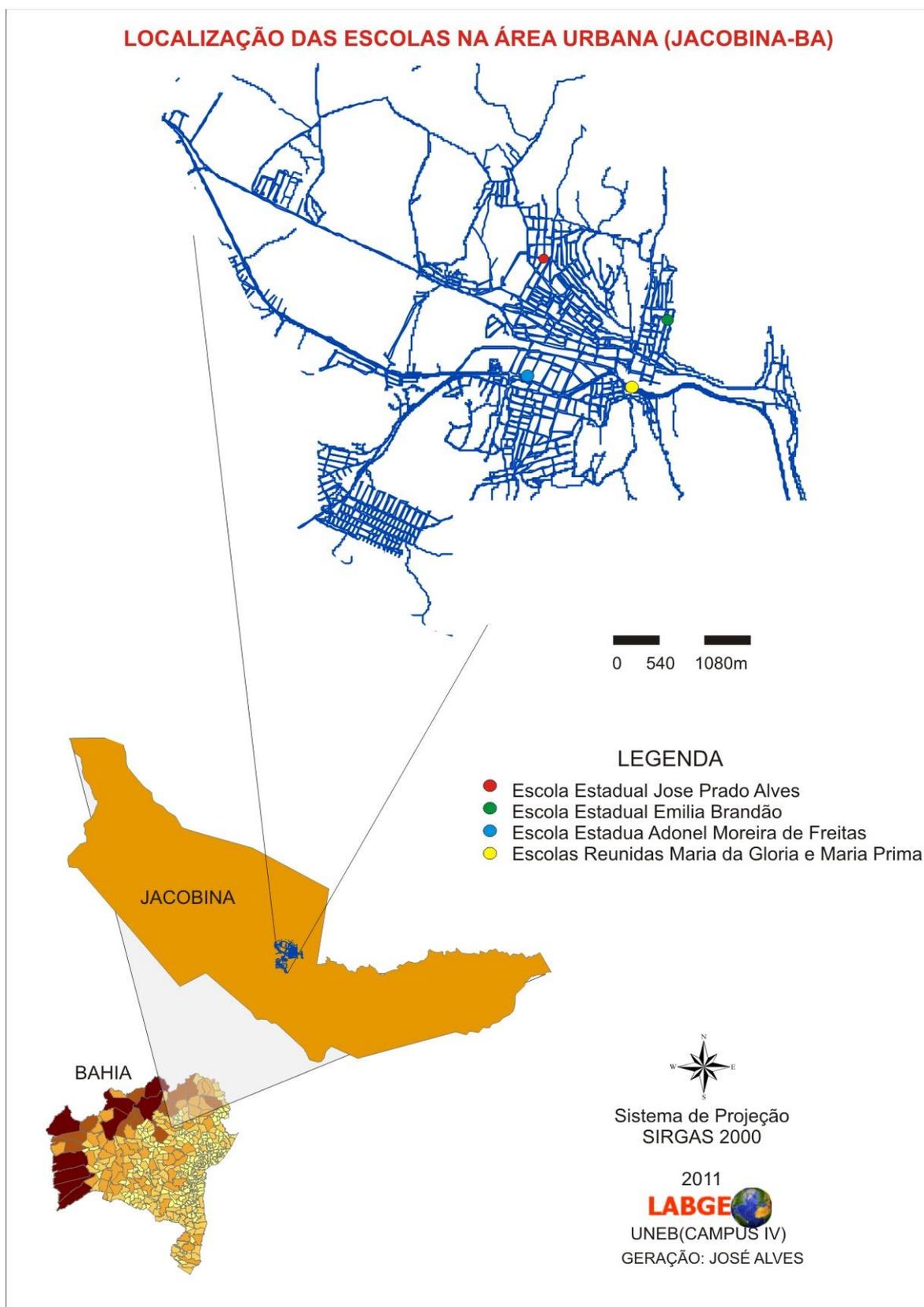


Imagem 2 – Localização na cidade de Jacobina das escolas envolvidas na pesquisa

Fonte: Alves, 2011.

Escola Estadual Adonel Moreira de Freitas (Imagem 3), localizada no bairro da Estação, nesta escola possui quatro salas de aula nos três turnos, são sete professoras e destas somente duas tem graduação, sendo que uma em Contabilidade e a outra Pedagogia. Alguns dessas professoras trabalham nos turnos matutino e vespertino. Estudam nesta unidade escolar cerca de cento e oitenta crianças.



Imagem 3 Escola Estadual Adonel Moreira de Freitas.

Fonte: Souza, 2011

A Escola Estadual Emília Brandão (Imagem 4) localizada na rua Robério Dias número 96 no bairro do Leader, nesta escola funcionam seis salas de aula nos turnos vespertino e matutino, sete professores trabalham nesta unidade, mas somente quatro se dispuseram a responder o questionário, as demais alegaram estar sem tempo e mesmo insistindo não houve resposta. e dos três que não participaram da entrevista professores que ensinam somente uma não tem ou não está em processo de graduação, seja em Pedagogia ou Educação Física.. Estudam nesta escola cerca de trezentas crianças nos turnos matutino e vespertino.



Imagem 4 Escola Estadual Emília Brandão

Fonte: Souza, 2011

A Escola Estadual Jose Prado Alves (Imagem 5), localizado na rua José Prado Alves 318 Felix Tomaz, onde funcionam quatro salas de aula nos turnos matutino e vespertino, trabalham nesta unidade escolar quatro professoras das quais apenas uma tem graduação, em Pedagogia com pós graduação em Metodologia do Ensino em Língua Portuguesa e Literatura e as demais fizeram ou fazem algum curso de computação, uma que está sendo implantando nesta unidade o laboratório de informática . Nesta escola estudam cerca de cento e sessenta crianças nos turnos matutinos e vespertinos



Imagem 5 Escola Estadual José Prado Alves

Fonte: Souza, 2011

A Escola Estadual Maria da Glória e Maria Prima (Imagem 6), localizada na Praça da Concórdia, número 59 Bairro da Serrinha. Nesta unidade funcionam quatro salas de aula e atende a um público de aproximadamente cento e cinquenta crianças dos turnos matutino e vespertino. As professoras têm no mínimo quarenta anos de idade e como nas outras escolas algumas em processo de aposentadoria por tempo de serviço, elas são formadas em magistério e não tem graduação.



Imagem 6 Escolas Reunidas Maria da Gloria e Maria Prima

Fonte: Souza, 2011

As quatro escolas são de pequeno porte, tem uma quantidade pequena de salas em funcionamento e uma estrutura física que pode e deve ser melhorada para que as crianças se sintam mais à vontade já que o espaço físico é pequeno e poderia de alguma forma ser mais bem aproveitado.

Conforme as informações passadas pela direção através de entrevistas com os diretores e/ou vice-diretores e constatado pelas visitas as instituições de ensino, as mesmas possuem material didático necessário ou pelo menos o básico, como globo terrestre, mapas, retro-projetor, dentre outros, para se trabalhar Cartografia com crianças desde a alfabetização, mas são poucos professores que se habilitam a utilizar esses recursos. Ao questionar os diretores e vice-diretores sobre a ausência de uma prática com os recursos que

a escola dispõe, afirmaram que não sabem se isso acontece por não dominarem o assunto ou mesmo pela falta de interesse por parte dos educadores.

Vale ressaltar, que a maioria dos professores que atuam nestas escolas tem no mínimo 40 (quarenta) anos de idade e boa parte já esta em processo de aposentadoria por tempo de serviço.

O resultado da pesquisa feita através de questionário com dezoito professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental da rede estadual na cidade de Jacobina, Bahia, sendo que deste total somente quinze se dispuseram a responder as questões. Foram envolvidos neste trabalho como objeto de estudo os professores das seguintes escolas: Escolas Reunidas Maria da Gloria e Maria Prima, Escola Estadual José Prado Alves, Escola Estadual Emília Brandão e Escola Estadual Adonel Moreira de Freitas.

O trabalho de pesquisa de campo teve inicio a partir das visitas e aplicação de um questionário aos professores das escolas acima citado, os quais se dispuseram a responder contribuindo assim para a realização desta investigação acerca da formação e prática pedagógica destes profissionais.

As respostas apresentadas quando comparadas com a prática, levam a supor que os professores tentam em seu discurso apresentar ao entrevistador uma realidade diferente daquilo que realmente existe. Somente pelo que foi respondido tem-se a imagem de uma alfabetização cartográfica realmente eficaz, de professores altamente capacitados e comprometidos com a causa educacional. Sabe-se que a realidade é outra e o que se diz é diferente do que se faz, como poderá ser observado nas respostas apresentadas a seguir.

Quando questionados sobre a sua formação 90% dos docentes afirmaram que são habilitados em Magistério, 10% em outro curso não especificado.

A esse respeito Vesentini (2002), faz o seguinte questionamento: O que deveria ensinar como Geografia alguém que não tinha formação para o exercício da função? Quais os conteúdos que deveria dominar? O resultado apresentado nesta questão confirma o fato de que muitos professores que

ensinam Geografia, principalmente nas séries iniciais do ensino Fundamental não são formados na área e nem receberam uma formação para atuar no campo da Geografia, deixando em evidencia a lacuna existente entre o que se sabe e o que se deve e como se deve ensinar no que se refere à Cartografia.

Com relação ao tempo que lecionam, 100% dos professores responderam que atuam nas séries iniciais a mais de vinte e cinco anos, percebe-se que todos os entrevistados tem experiência profissional como professor. Porém o que se pode ver é que muitos se acomodaram e continuam com a mesma prática pedagógica do início da sua formação, não apresentando nada de novo que venha despertar a curiosidade do aluno em relação aos conteúdos apresentados em sala de aula. Analisando as respostas pode-se perceber aqui que as instituições de ensino pouco investem em cursos de aperfeiçoamento e que os profissionais atuantes nestas unidades escolares demonstram pouco interesse que haja tal prática protelando ainda mais a melhoria no Ensino Fundamental.

Quando questionados se fazem algum tipo de curso de capacitação somente 27% dos entrevistados responderam que sim, os demais não demonstraram interesse e a maioria alegou já estarem cansados e que os cursos oferecidos não correspondem a assuntos que possam fazer diferença em suas práticas pedagógicas. Outro motivo que foi alegado pelos professores é a falta de substituto em sala de aula que possa suprir a falta deste docente enquanto participa de algum curso de formação.

Diante desta afirmativa questiona-se: Como o professor pode ausentar-se da escola para reforçar seu conhecimento quando não são oferecidos recursos humanos que possam ajudá-los nesta empreitada? Aqui pode se utilizar das palavras de Almeida (2002), como já foi citado anteriormente no diz respeito a continuidade no processo de formação do docente e seu envolvimento com a educação onde ela ressalta que o professor “deve ser comprometido com a construção de seu conhecimento, sabendo articular teoria e prática, sua formação não se esgota na universidade, mas é imprescindível a visão de educação permanente”.

Quando perguntado sobre a forma de abordagem da leitura do espaço em sala de aula os docentes se colocaram da seguinte forma:

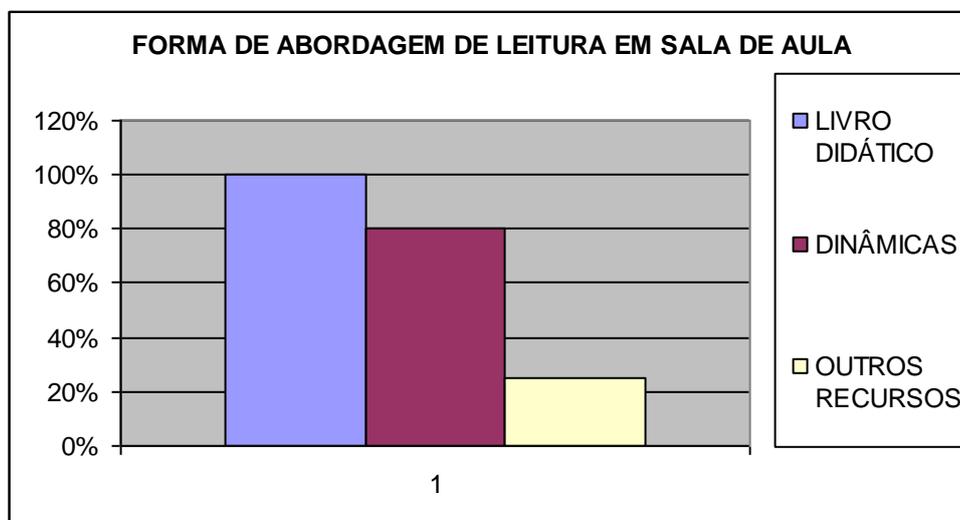


Gráfico 1 – Forma de abordagem da leitura do espaço em sala de aula
Fonte – Pesquisa de campo 2010

Embora os professores apresentem as respostas de acordo o gráfico acima, foi perceptível nas visitas a estas escolas que raramente uma aula de Geografia com enfoque cartográfico é ministrada para crianças utilizando-se de outros meios que não seja o livro didático, quando no máximo mostra o mapa que geralmente está posto na parede da sala de aula em quase todas as escolas.

Os professores ao serem questionados se fazem ou não alguma relação dos conteúdos de cartografia com a realidade dos alunos 93% respondeu que sim e 7% que não. O que foi observado é que na verdade o que esses docentes afirmam relacionar com a realidade do aluno é atribuído no máximo ao espaço da escola, não tendo ligação alguma com a vida desta criança fora da instituição, ou seja, de acordo como é abordado o assunto, não é possível vivenciá-lo em outro contexto que não seja o da escola. Tornando assim a Cartografia uma disciplina sem muita utilidade para estes alunos.

Quanto aos recursos que a escola disponibiliza e os professores utilizam em sala de aula, embora as respostas sejam bem diversificadas como mostra o gráfico abaixo, é notório que a maioria destes profissionais raramente utiliza

outros recursos que não seja o livro didático, mesmo estando à disposição destes algum outro subsídio que possa enriquecer e dinamizar a sua prática pedagógica. Anteriormente citada Simielli (2000), afirma que o aproveitamento do interesse natural da criança por imagens facilita muito o trabalho em sala de aula, principalmente para trabalhar Cartografia nesta fase do aprendizado e a utilização de fotografias, mapas, retro-projetor, data-show ou qualquer outro dispositivo que possa envolver a criança contextualizando o assunto e fazendo com que ele tenha contato visual com o assunto que está sendo ensinado, isto vai fazer este aluno sentir prazer em participar destas aulas .

Em primeiro lugar, aproveitando o interesse natural da criança pelas imagens desde as séries iniciais, que é uma atitude fundamental para a Cartografia. Para atingir esse objetivo devemos oferecer inúmeros recursos visuais, desenhos, fotos, maquetes, plantas, mapas, imagens de satélites, figuras, tabelas, jogos e representações feitas por crianças, acostumando o alunos à linguagem visual (p. 97).

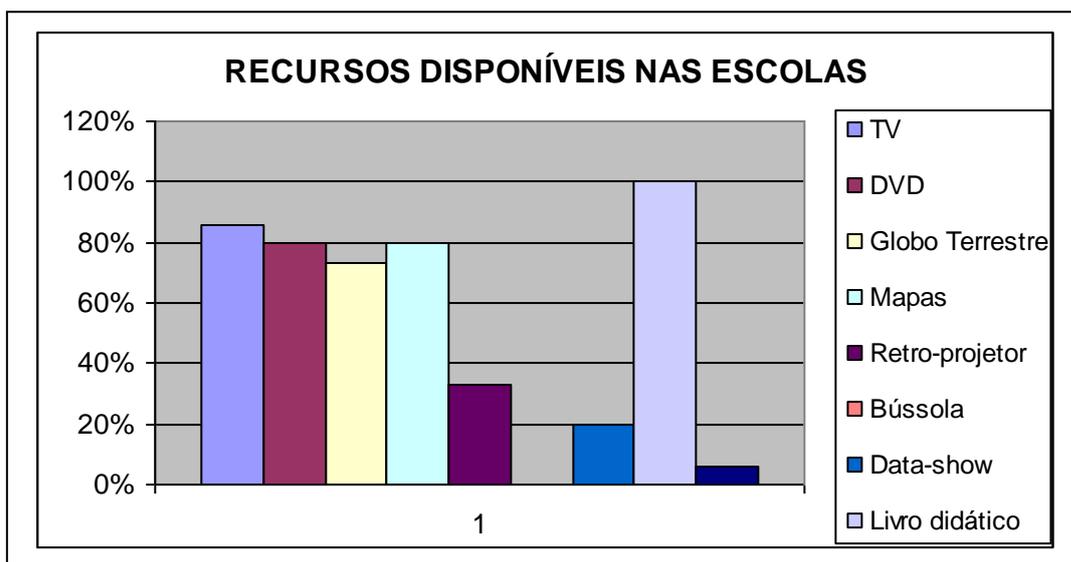


Gráfico 2 – Gráfico dos recursos disponíveis nas escolas
Fonte: Pesquisa de campo 2010

Em relação às dificuldades referentes aos conteúdos de Cartografia nas séries iniciais, os professores responderam quase a uma só voz que os principais pontos são a falta de apoio pedagógico; falta de material didático específico e

espaço físico adequado; falta de conhecimento do professor de como ensinar Cartografia e a falta de interesse por parte dos alunos que não conseguem acompanhar o andamento da turma. Essa questão nos faz pensar sobre: Falta material nas escolas ou os professores não estão capacitados para utilizá-los? Os alunos estão desinteressados ou as aulas ministradas não são atrativas com conteúdos que chamem a atenção ou que estejam contextualizados com a realidade do discente? Para que o aluno fique atento, o assunto em questão deve ser do seu interesse, não adianta querer expor um tema em que ele não se situe, esteja totalmente excluído e que não faça parte do seu mundo.

Neste sentido, Katuta (2000), como já foi colocado antes destaca que há grande necessidade de uma constante atualização dos profissionais que ensinam Cartografia já que “Ensinamos apenas aquilo que sabemos, e é pouco provável que alguém que tenha uma alfabetização cartográfica deficiente ensine a ler mapas.” Um detalhe desta resposta que merece certo destaque é quando eles manifestam a necessidade de uma capacitação para ministrar uma boa aula de Cartografia e utilizar os recursos disponíveis de maneira coerente e envolvente.

Neste questionário foi perguntado aos entrevistados como eles definiriam os conteúdos de Geografia nas séries iniciais e 100% dos entrevistados respondeu que esses conteúdos são complementares a outras disciplinas como matemática e história; dentro deste percentual 20% acrescentou que são conteúdos necessários para se reconhecer o espaço de vivência. Percebe-se aqui que a prática pedagógica que estes profissionais têm referente à Geografia está ligada ao seu referencial, aquilo que eles concebem como importante na disciplina, tornando-a secundária e quase sem importância, uma vez que ela complementa as outras.

Mesmo sendo uma das mais novas, a Geografia é uma ciência e deve ser tratada com o devido valor. Com esta concepção que os professores tem a respeito da Geografia fica evidente que em se tratando da Cartografia o tratamento dado a ela e a maneira de trabalhar em sala de aula fica abaixo do ideal para um bom aproveitamento por parte do aluno.

Quando perguntado acerca do que seria necessário para melhorar o ensino da Cartografia para crianças, obteve-se as seguintes respostas:

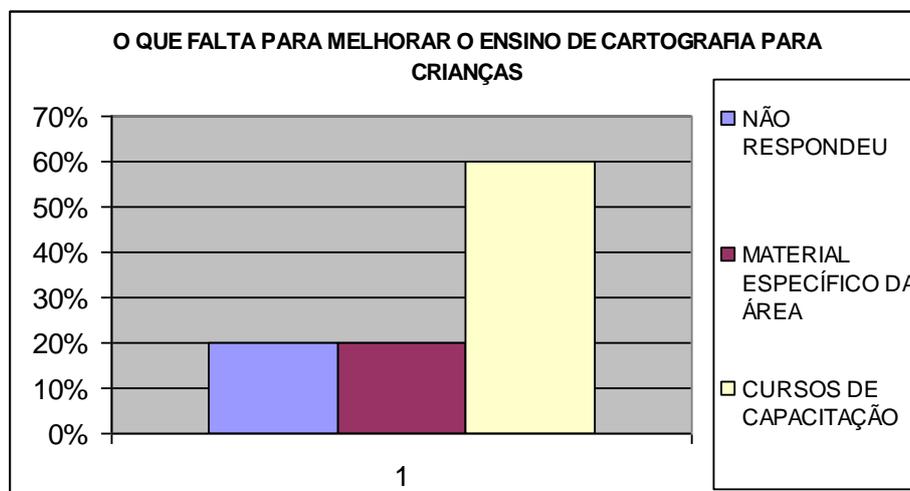


Gráfico 3 - O que falta para melhorar o ensino de cartografia para crianças
Fonte – Pesquisa de campo 2011

De acordo com a maioria dos professores a falta de cursos que possam complementar o seu conhecimento geográfico e material de apoio como, por exemplo, especialista na área, prejudica muito o andamento das aulas de Geografia, uma vez que estes docentes são formados para atuarem em todas as disciplinas nesta fase do aprendizado e muitos não têm conhecimentos suficientes para ministrarem aulas de qualidade que possam ser relacionadas com o dia a dia do aluno e desta maneira despertar nestes o interesse pela matéria desmistificando o conceito de que o conhecimento geográfico e conseqüentemente o cartográfico sejam secundários e outras disciplinas tem maior importância.

Quando questionados sobre qual metodologia utilizada para tentar amenizar as dificuldades dos alunos em relação à Cartografia as respostas foram das seguintes maneiras:

Utilização de dinâmicas de grupos; uso de mapas; estímulo das observações favorecendo as comparações; trabalhos em equipe; atividades através de desenhos; uso de conceitos para familiarizar o aluno com a linguagem

cartográfica; utilização de recursos tecnológicos como tv, dvd, computador e data-show.

Embora as respostas pareçam satisfatórias na teoria, partindo para as observações em sala de aula, a prática revelada, na verdade, não é bem assim, as aulas não são dinâmicas. Durante as visitas foi observado que pautada no livro didático, muitos docentes apenas apresentam o que está impresso, não trazendo nenhuma inovação a respeito do assunto ou tentando dinamizar a apresentação do conteúdo, onde se percebe também que vários destes professores não dominam o assunto a ser ensinado passando a caracterizar-se como mero transmissor de conteúdo.

Muitos dos entrevistados escreveram como gostariam que fossem as aulas, e nesse momento foi revelado que um dos anseios é que haja um interesse maior por parte dos alunos em relação ao assunto que está sendo trabalhado, pois é comum a preparação de aulas mais dinâmicas e mesmo assim os discentes não dão a devida importância. Essa realidade influencia bastante no desenvolvimento do trabalho do professor, já que a maioria se sente desmotivados.

Para todos os professores entrevistados foi feita a seguinte pergunta: Em que curso do ensino superior você gostaria de ser graduado, caso ainda não seja?

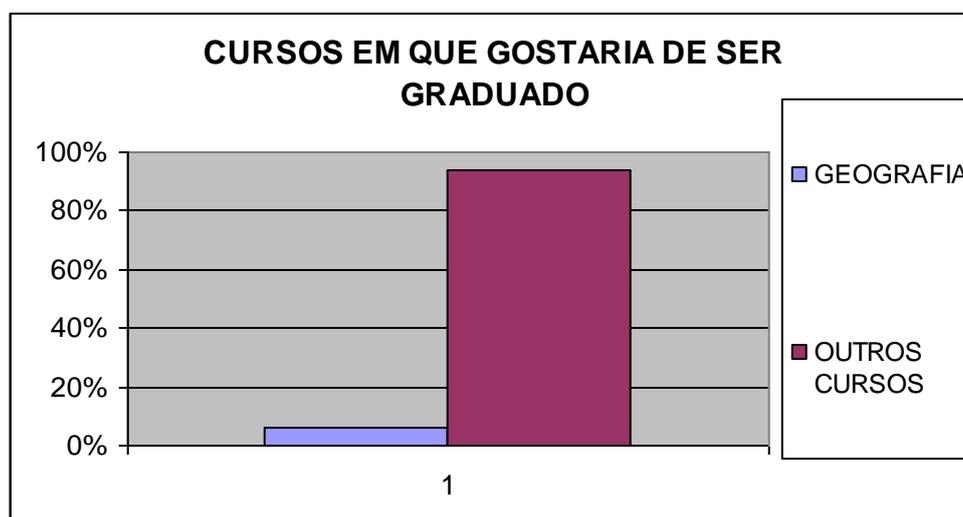


Gráfico 4 - O Curso em que gostaria de ser graduado (a) caso ainda não seja
Fonte – Pesquisa de campo 2011

A partir das respostas apresentadas é possível fazer a seguinte análise: Os próprios docentes percebem hoje a necessidade de cursos de aperfeiçoamento não só em Geografia, pois eles trabalham com diversas disciplinas nesta fase do aprendizado, e que para um bom desempenho deste profissional é necessário que ele além da graduação participe de encontros e cursos de formação com enfoque específico na disciplina que ele mais precisa enriquecer, o seu conhecimento e neste caso em questão a Geografia, isso acaba se tornando um ponto positivo, pois a partir deste percepção eles mesmos podem buscar melhorias no ensino e em sua preparação para a sala de aula.

Embora aconteça de várias vezes as instituições oferecerem cursos e os professores acabam arrumando uma desculpa para não participar, bem como quando aparece algum profissional da área querendo participar de encontros por conta própria e a instituição decide não liberar por não fazer parte do calendário escolar. Aqui entra o questionamento: Como se pode fazer um ensino de Cartografia sem interesse em aprender? Para responder a esta pergunta pode-se fazer uso do que diz Katuta (2000), “Ensinamos apenas aquilo que sabemos, e é pouco provável que alguém que tenha uma alfabetização cartográfica deficiente ensine a ler mapas.” Para ensinar é preciso aprender e para que este processo aconteça é necessário que o professor das séries iniciais Ensino Fundamental se prontifiquem a isto. Analisando o gráfico a seguir fica claro a grande diferença entre aqueles que querem e os que não têm interesse em graduar-se em Geografia.

Será apresentado aqui um quadro com perguntas feitas aos professores e que de acordo com as respostas, fica evidente que o ensino de Cartografia feito por estes profissionais está muito abaixo do esperado para esta fase do aprendizado, pois a maneira como foi respondido mostra que eles não tem

domínio suficiente deste conhecimento para assim poder fazer alguma relação do que foi apresentado ao aluno e o seu cotidiano.

| QUESTÃO 1 | RESPOSTAS |
|---|--|
| <p>De que maneira os trabalhos feitos pelos alunos são aproveitados nas aulas de Cartografia?</p> | <p>“Complementando outras disciplinas”.</p> <p>“Passando segurança no valor dos trabalhos feitos pelos alunos”.</p> <p>“Avaliando os alunos com notas”.</p> <p>“Usando seu corpo como ponto de referência”.</p> <p>“Identificar, mapas, climas, regiões, localização geográfica dos municípios vizinhos, etc.”.</p> <p>“Utilizando o caminho para a escola e utilização do mesmo”.</p> <p>“Entrevistas, desenhos, recortes de revistas e fotos antigas”.</p> <p>“Exposição de trabalhos e avaliação” dos mesmos.”</p> <p>“Os trabalhos desenvolvidos em sala de aula permitem desenvolver habilidades de leitura e interpretação, favorecendo desse modo subsídios necessários a compreensão das representações gráficas, principalmente gráficos, tabelas e mapas”.</p> <p>“Quando é trabalhado o espaço, peço que desenhe trajetos, percursos, planta da sua sala de aula, da casa, do pátio da escola apoiados em dados reais”.</p> |
| QUESTÃO 2 | RESPOSTAS |
| <p>Quais assuntos você como professor prioriza no ensino da Cartografia nas séries em que atua?</p> | <p>“A cidade”.</p> <p>“Bairros”.</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>“Localização geográfica dos municípios vizinhos”.</p> <p>“Espaço onde vive”.</p> <p>“Planta baixa; estado e país; Interpretação de mapas e orientação”.</p> <p>“As grandes navegações, paisagem, moradia”.</p> <p>“Questões relativas à presença e ao papel da natureza e sua relação com a ação dos indivíduos, dos grupos sociais e de forma geral, da sociedade na construção do espaço geográfico”.</p> <p>“Orientação, as grandes navegações, números ordinais, preposição (algumas);”.</p> <p>“São priorizadas atividades que desenvolvam habilidades de leitura e interpretação de mapas”.</p> |
|--|--|

Diante das respostas dadas a estas duas questões apresentadas no quadro, observa-se a pouca ligação que estes profissionais tem com a Cartografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A disciplina é deixada em segundo plano e pouco ou quase nunca valorizada, uma vez que a Geografia é vista como complementar a outras disciplinas. O aproveitamento dos trabalhos feitos pelos alunos e os assuntos priorizados nas aulas de Cartografia deixam claro isso. Na teoria o trabalho é realizado como se deve, na prática a alfabetização cartográfica quase não existe nestas escolas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que uma formação de qualidade é imprescindível para que haja resultados realmente satisfatórios no que se refere à educação, principalmente em se tratando das séries iniciais do Ensino Fundamental e a alfabetização cartográfica em particular, pois é desta etapa tão importante na formação do ser humano que vai ser originada uma base de conhecimento consistente para a continuidade nos anos seguintes. O docente recebe uma formação generalizada para ensinar todas as disciplinas referentes ao início do Ensino Fundamental, não sendo necessariamente um especialista em determinada área, este é um dos motivos que explica a necessidade de uma continuidade no seu processo formativo, a partir de cursos específicos que possam enriquecer o seu conteúdo e a sua metodologia, e com isso desempenhar de maneira ainda mais completa a sua função em sala de aula..

Os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental poderiam promover um bom trabalho de alfabetização cartográfica, porém a má formação destes profissionais não permite que as atividades desenvolvidas sejam satisfatórias para alcançar determinadas competências nesta área. É perceptível que um dos problemas da educação brasileira está atrelado à deficiência dos programas de formação dos professores.

Ficou claro nesta pesquisa que o professor mesmo utilizando-se de outros recursos, continua preso ao livro didático e como se sabe nem sempre eles trazem conteúdos que venham desenvolver no aluno habilidades realmente necessárias para a alfabetização cartográfica, pois nesta fase é importante lembrar que se deve partir do espaço vivido, percebido pelo aluno, para depois abordar espaços mais distantes.

A partir dos resultados obtidos durante todo o período de investigação, sobre o ensino da Cartografia nas séries iniciais do ensino fundamental na cidade de Jacobina, Bahia, Brasil, percebe-se a necessidade de profissionais realmente

capacitados, envolvidos com a causa da educação e verdadeiramente comprometidos com a formação dos educandos, pois, foi constatada a necessidade de cursos de aperfeiçoamento e/ou reciclagem no que se refere ao ensino da Cartografia para crianças.

Outro aspecto observado é que nas escolas envolvidas nesta pesquisa a maioria dos professores está com mais de 28 anos de sala de aula, uma média de idade de 40 anos, todos cansados e já em processo de aposentadoria sem muito interesse em participar de projetos ou cursos que possam aprimorar seu conhecimento, e quando o fazem é apenas para cumprir um dever quase que imposto pelos órgãos responsáveis por estas escolas. Sabe-se que uma educação pública de qualidade é um direito de todos, mas para que ela aconteça é preciso que, entre outros fatores haja profissionais realmente preparados para esta função, engajados e comprometidos com o seu papel, pois não adianta simplesmente enviar professores para a sala de aula sem domínio de conteúdo para serem apenas transmissores de conhecimento ou conteúdo do livro didático, e é fato que dominar conteúdos não significa saber ensinar.

Uma observação cabe ser feita nesta pesquisa em relação a formação desde profissional e a sua prática pedagógica, o discurso feito durante a realização da pesquisa de campo revela que a realidade na sala de aula é muito diferente do que é exposto em entrevista ou outra forma qualquer de coleta de dados, pois os mesmos tendem a querer agradar o pesquisador e mostrar de certa forma que sabem o que estão fazendo, que a culpa das dificuldades apresentadas é sempre do meio externo, do aluno, que é desinteressado ou não consegue acompanhar o desenvolvimento da turma; do Governo que não dá boas condições de trabalho, curso de aperfeiçoamento ou apoio de um especialista; da escola que não tem espaço físico nem material suficiente ou apropriado para tal finalidade. Enfim uma série de justificativas para tentar amenizar a sua falta de capacidade ou interesse em melhorar.

O professor como profissional de educação poderia e deveria ser melhor valorizado, mas valer-se de esse discurso para negligenciar a profissão é antiético.

Existem hoje cursos de reciclagem e/ou graduação oferecidos pelo Estado, como é o caso da Plataforma Freire, Poesp, que são programas desenvolvidos pelo governo para graduar todos os professores que estão em sala de aula, oferecem cursos de nível superior para melhor prepará-los em diversas áreas e, mesmo de forma irrisória, melhorar seus salários como forma de incentivo, muito abaixo do esperado. Mas, conforme foi notório, a maioria dos professores que estão fazendo parte deste processo de graduação na cidade de Jacobina, Bahia, optou por pedagogia ou educação física, deixando a geografia em último plano, como aconteceu há tempos atrás quando esta disciplina foi dissolvida e distribuída entre outras matérias como estudos sociais deixando uma lacuna no processo de formação do cidadão consciente.

Para que o ensino nas séries iniciais do Ensino Fundamental seja feito de maneira mais eficiente, são apresentadas algumas propostas às instituições responsáveis pela organização do espaço escolar que podem facilitar um melhor desenvolvimento dos profissionais em sala de aula.

- Garantir em todas as instituições a participação dos professores nos cursos de formação continuada nas diversas áreas do conhecimento;
- Realizar encontros com professores para elaboração de um projeto de curso comum a todos desta etapa da educação e a partir deste cada docente elabora seu plano de aula;
- Elaborar um projeto de orientação contendo o passo a passo do conteúdo a ser ensinado em cada uma das séries do Ensino Fundamental I, deixando livre o docente para aproveitar este conteúdo

da forma que lhe seja mais útil sem criar uma padronização no ensino da cartografia;

- Refletir sobre a prática pedagógica e optar por uma metodologia de ensino capaz de promover o máximo de rendimento dos alunos;
- Promover parceria com a Universidade, solicitando alunos para aplicar oficinas específicas na área de cartografia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de. - **Do Desenho ao Mapa – Iniciação Cartográfica na Escola**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia escolar**, São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. Imagens de uma escola: A produção de vídeo no estágio de Prática de ensino. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib. – OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (orgs.) **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

ARCHELA, Rosely, ARCHELA, Edison. Mapeamento Sistemático Brasileiro: Evolução Histórica da Cartográfica. In. SEEMANN, Jorn (org.) **A Aventura Cartográfica – Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia humana**, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

BARBOSA, Guatamonzi A. M; SOUZA, Éder Jr. Cruz de. Jacobina: Breve histórico de uma longa realidade. In AMORIM, Eliã Siméia Martins dos Santos; COUTINHO, Rosilda Valois. (orgs.) **Quem inventou Jacobina?** Iniciando a pesquisa na escola básica. Jacobina: 2005.

CALLAI, Helena Copetti. Projetos interdisciplinares e a formação do professor em serviço. In. . PONTUSCHKA, Nídia Nacib. – OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (orgs.) **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GHEDIN,E; FRANCO, M. A. S. A reflexão como fundamento do processo investigativo. In: _____. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 103-126.

KATUTA, Ângela Massumi. A(s) Natureza (s) da Cartografia. In. SEEMANN, Jorn (org.) **A Aventura Cartográfica – Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia humana**, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

KATUTA, Ângela Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos**. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In. **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. Coleta de dados do enfoque qualitativo. In: _____. **Metodologia da pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANTOS, Clézio. Desenhos e Mapas no ensino de Geografia. In. SEEMANN, Jorn (org.) **A Aventura Cartográfica** – Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a Cartografia humana, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

SIMIELLI, Maria Elena. – O Mapa como meio de comunicação e a Alfabetização Cartográfica. In. ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Cartografia escolar**, São Paulo: Contexto, 2008.

SIMIELLI, Maria Elena – Cartografia no ensino Fundamental e Médio In. CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.) **Cartografia escolar**, São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, José Gilberto de; KATUTA, Ângela Massumi. **Geografia e Conhecimentos Geográficos: A cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: UNESP, 2001.

SOUZA, José Gilberto de; KATUTA Ângela Massumi. **Geografia e conhecimentos cartográficos**, São Paulo: Unesp, 2006.

VESENTINI, José Willian – A Formação do Professor de Geografia – Algumas Reflexões. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib. – OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (orgs.) **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002

WETTSTEIN, Germán – O que se deveria ensinar hoje em Geografia. In. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (org.) **Para onde vai o ensino da Geografia?** São Paulo: Contexto 2001

APÊNDICE



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

1. Qual a sua formação?

- Magistério Pedagogia Outro curso

2. Quanto tempo leciona? Qual a série?

3. Atualmente faz algum curso de graduação ou capacitação?

- Sim Não

Cite o nome do curso:

5. No caso de resposta afirmativa, que assuntos você lembra que estão relacionados à CARTOGRAFIA para séries iniciais?

6. Como você aborda a leitura e representação do espaço em suas aulas?

- Recursos audiovisuais;
 Aulas expositivas;
 Dinâmicas;
 Livro didático;

Outros.

7. Você faz uma relação dos conteúdos cartográficos com a realidade em que os alunos se inserem?

Sim Não

8. Que recursos a escola que você trabalha disponibiliza e você utiliza em sua prática pedagógica?

TV; DVD; Retro-projetor; Data-show;
 Globo terrestre; Mapas; Bússola;
 Livros didáticos; Mapas da cidade; Outros.
Especifique

9. Quais as principais “dificuldades” referentes aos conteúdos de cartografia nas séries iniciais?

10. Como você definiria os conteúdos da geografia nas séries iniciais:

Não interfere na aprendizagem;
 Desnecessário;
 É complementar a outras disciplinas como Matemática, História;
 É necessário para reconhecer o seu espaço de vivência.

11. Em sua opinião o que falta para melhorar o ensino da cartografia para crianças?

Curso de capacitação Fazer graduação em Pedagogia
 Acompanhamento pedagógico por professor de Geografia.
Cite outra possibilidade:

12. Que metodologia você utiliza para minimizar as dificuldades dos alunos?

15. De que maneira os trabalhos feitos pelos alunos em sala de aula são aproveitados nas aulas de cartografia?

16. Quais assuntos você como professor (a) prioriza no ensino da Cartografia nas séries em que atua?

17. Em que curso do ensino superior você gostaria de ser graduado (a)? (caso não seja).

ANEXOS

ANEXO I**Prova aplicada aos alunos do 3º anos (segunda série) do Ensino Fundamental como avaliação da 4ª unidade**

Escola Estadual José Prado Alves

Aluno (a) _____

Profª _____

Série _____ Turno _____

AVALIAÇÃO DE GEOGRAFIA

Roteiro de pesquisa:

Quantos municípios são vizinhos ao município onde você mora? Escreva o nome deles.

O seu município tem limites artificiais?

Se tiver qual é o elemento artificial que o separa de outros municípios.

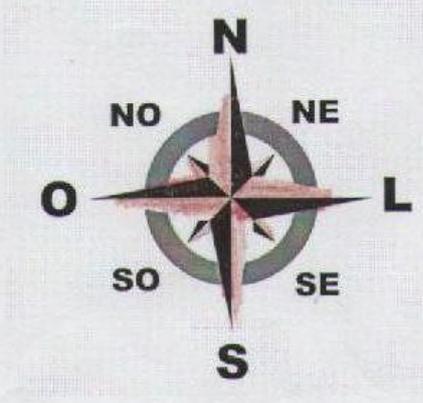
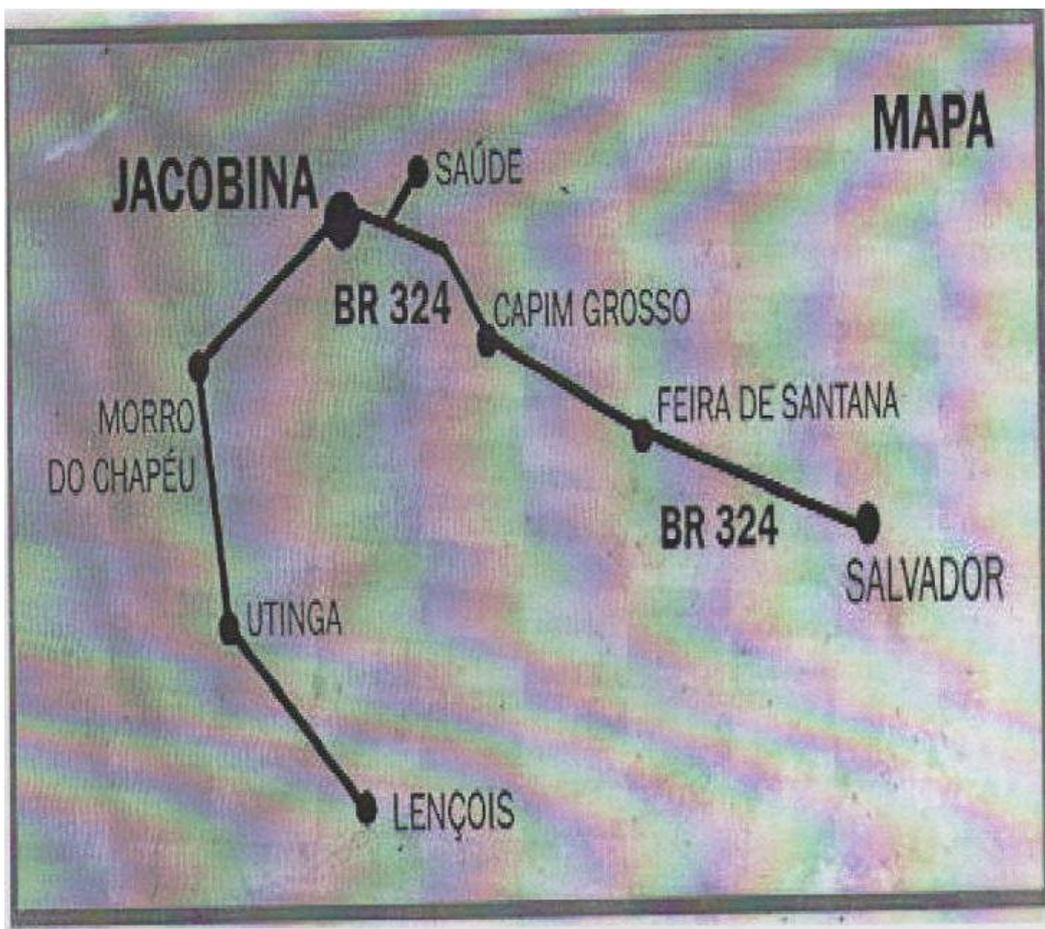
O seu município é formado por área urbana e área rural? Se a resposta for positiva qual delas é maior?

No seu município, a maioria das pessoas vive na área urbana ou rural? Explique a sua resposta.

Que atividade predomina na área urbana do seu município? E na área rural?

Copie no quadro o nome dos municípios que se limitam com o seu em cada direção dos pontos cardeais.

| DIREÇÃO | NOME DO MUNICÍPIO |
|---------|-------------------|
| | |
| NORTE | |
| | |
| SUL | |
| | |
| LESTE | |
| | |
| OESTE | |
| | |



ANEXO II

Mapa com a localização do município de Jacobina no Estado da Bahia

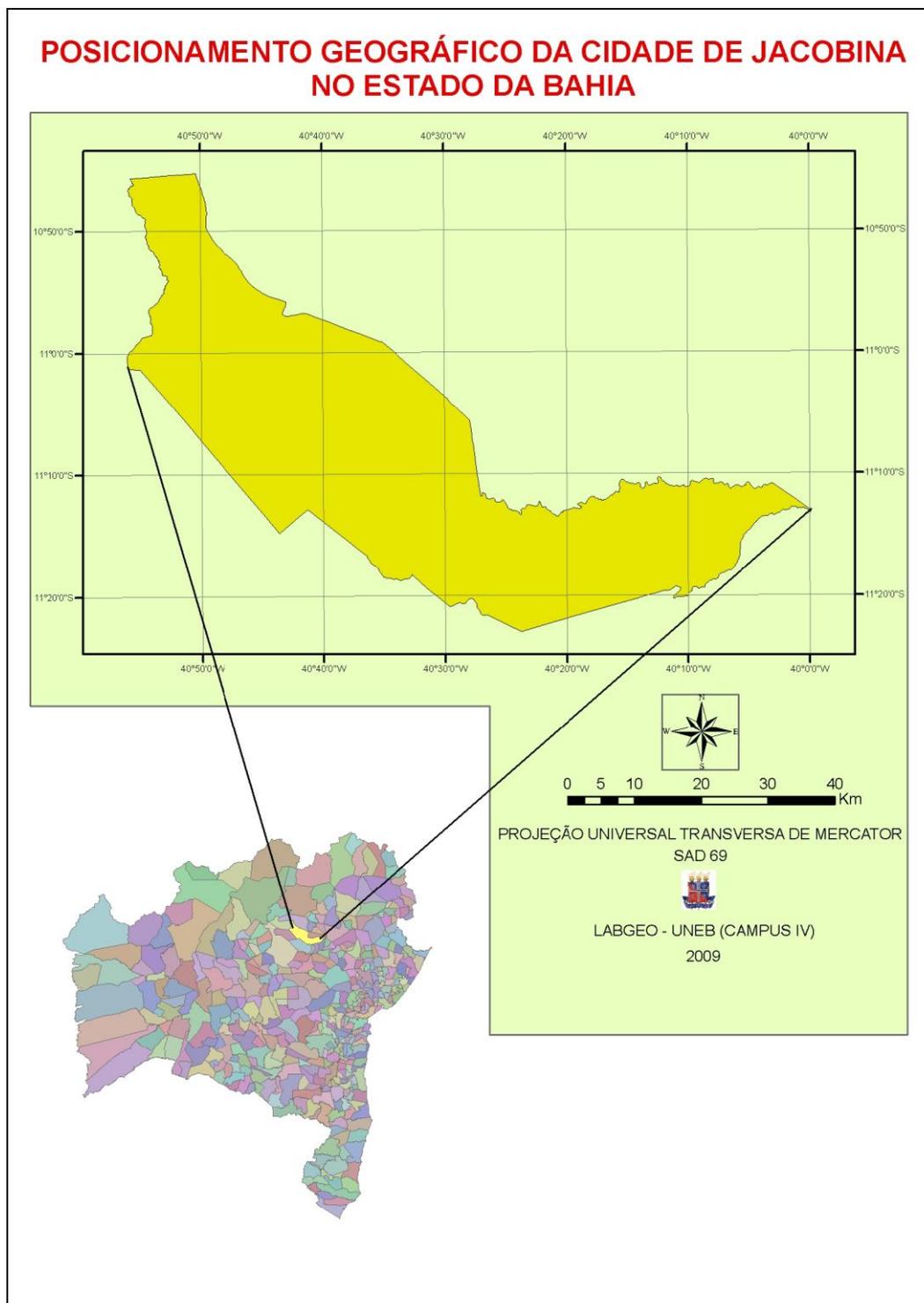


Imagem 1 Localização do município de Jacobina no Estado da Bahia

Fonte: LABGEO – UNEB 2004